

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Suplemento ?

Class.: Nambiquara 02

Data: 10.05.59

Pg.: 11

O índio que eu vi em Mato Grosso

FAMILIA NAMBIQUARA:

O índio nambiquara tem família constituída. Não há nenhuma cerimônia especial para o casamento. Apenas o moço pede ao pai da sua pretendida o consentimento para se casar. No caso positivo, este entrega ao rapaz um molho de flechas e um arco dizendo: "Para o sustento dos filhos", e estão casados. As vezes, por essa ocasião há comensais. Não há namoro nem idílio noivado. O pai, no tempo da puberdade da filha, vigia-a de noite e de dia, para não vir a cair em alguma imprudência. Em geral os homens e moços nunca olham (ou melhor, não se deixam pegar olhando) para as mulheres, que não sejam suas parentes.

São monógamos com raros casos de poligamia simultânea e sucessiva. Entretanto, esta, além de ser praticamente privilégio do chefe e do feiticeiro (salvo raros casos) é uma poligamia especial. "A primeira mulher desempenha o papel habitual da mulher monogâmica, nos casamentos comuns. As mulheres secundárias, sempre as mais novas, são antes amantes do que esposas". Há casos em que os homens trocam as mulheres, na convenção, parece, de que os filhos sempre ficam a mãe. Também as rugas, levam, às vezes, à separação.

As mulheres não têm resguardo. No dia seguinte ao do parto, já saem a andar por aí. Chegam a matar o bebê só de lhe dar banho, em vez de deixarem dormir. Parece que cortam o cordão umbilical com os dentes. O parto é fácil, porque o feto é subnutrido. Em geral não têm mais de três filhos por que, tendo uma vida essencialmente nômade, e tendo as mulheres sempre de carregar os filhos numa embira a tira-colo, não podem conceber o filho seguinte antes que o primeiro já seja capaz de andar, vamos dizer,

com quilômetros, a pé. Conhecem o aborto e outras práticas anti-concepcionais. Não conhecem o beijo, mas sabemos que são afetuosas para com os filhos. Não castigam, não batem nem nunca lhes recusam nada. Em Utiariti, vi as mulheres nambiquaras trabalhando com a enxada numa mão e a criança na outra. Ciúme? Desconfiança? Talvez somente apatia. Quando o bebê chora com fome e a mãe não tem nada para lhe dar, enche a própria boca de água passando

A CULTURA NÃO-MATERIAL DO ÍNDIO NAMBIQUARA

(III de uma série)

Por A. J. ZATIAMARE

FAMILIA NAMBIQUARA - O ESPIRITO DA ANTA RECUPERA A AUTORIDADE DO HOMEM - SE A MULHER VIR, PERDE A VIDA - INCHA IGUAL À ÁRVORE E MORRE - A COISA RUIM - O PODER NAMBIQUARA

para o pequeno com um beijo "allmentício". A condição da mulher nambiquara não é tão ruim como a de outras tribus do Brasil. Trabalham muito, não há dúvida, mas são tratadas com carinho. Timbram em ser fiéis ao marido. Nesse particular deixam longe as suas vizinhas parecidas.

O ESPIRITO DA ANTA...

O homem governa a família, mas na base do amor, do carinho e da ternura para com a mulher e filhos. Esta ternura excessivamente descendente levá-lo-ia a perder toda a autoridade na família. Aos poucos, efetivamente, vai a mulher impondo ao homem cada vez mais suas exigências e caprichos. E a hora de recuperar, numa cena de terror e pela concomitante exibição teatral da valentia máscula, o prestígio comprometido.

Só na cabana sagrada o lugubre e monótono sopro musical da "jararaca", a

flauta misteriosa que, sob pena de morte, está interdita aos olhos das mulheres e crianças. É que se aproximou da aldeia nessa conjuntura o "Espírito da Anta" ou do "Sanaçu" (o tatu-cacore, tatu-cacorê, como dizem outros). Aquêle viria arrebatá-la a vida a um adulto, este uma alma de criança. Um fêmito de terror perpassa a maloca nesse instante... Fogem espavoridas as mulheres e as crianças. Talvez algum representante envelhecido do sexo forte.

Ao sinal misterioso, erguem-se os guerreiros empunhando suas armas, olhos fixos num ponto fixo do espaço, como se estivessem encarando de frente a sinistra aparição... E se conjurando, em verdadeiros urros selvagens, o inimigo, disparando suas flechas, detonando as armas de fogo até o último cartucho, brandindo finalmente as "espadas rituais", investem furiosamente contra o "espectro da morte". O alarido e o tumulto são de meter espanto.

Ao longe, tremê de pavor mais da metade de tribo. Como se o fantasma, assim afugentado, batesse em retirada, perseguem-no até boa distância. Recua, sim, mas combatendo sempre, o "Espírito da Anta", ou do "Tatu-Cacorê". A quinientos metros da maloca se trava a final a derradeira e mais violenta refrega. Por grande extensão do terreno, deixa patente o "vencido" a demonstração da sua terrível iracúndia. A tortuosa vegetação do cerrado aí se apresentará aos olhos tímidos dos fujões brutalmente batida ou esmagada.

Segue-se então o triunfo. Suarentos e dando mostras do mais intenso e glorioso regozijo, regressam os heróis. Perante a criança e o sexo fraco, reconquistam eles a aura da bravura masculina, restabelecendo a própria superioridade, pertencente. Na hora do risco mortal, enquanto elas, as mulheres, trêmulas e desorientadas, desapareciam covardemente, eram eles, os varões da taba, que se impunham, expondo a vida, ao mais fructuoso e monstruoso adversário.

Com o tempo, apagados os vestígios da batalha, esquecidas as impressões do medo e a vergonha da própria fraqueza, vão elas retomando novo atrevimento. Recomeçam os atritos. Está prestes a romper-se o equilíbrio, imposto pela sábia natureza. Ouve-se de novo o som da "jararaca".

SE A MULHER VIR...

O nambiquara tem um templo especial, com uma cobertura que desce até o solo, sem porta e situado bem ao meio das outras choças. Chama-se Taquara-uázu. É o lugar de segurança da tribo. Qualquer coisa do bem comum, como por exem-



Tem a pôse de um chefe.

plo, semente para plantar, e guardada no Taquara-uázu. As outras coisas que estão fora, são de quem chegar primeiro.

Mas o Taquara-uázu é sobretudo destinado à guarda dos instrumentos sagrados da tribo: as flautas e a inúbia ou trombeta. A primeira é simplesmente um gômo de bambu com quatro orifícios; a inúbia, um canudo, também de bambu, com uma cabeça em uma das extremidades. A gente soprando pelo canudo, tira um som cavernoso, profundo e penoso. Estes dois instrumentos constituem um verdadeiro pavor para as mulheres, porque, pensam, se as mulheres os virem, morrem.

INCHA IGUAL À ÁRVORE E MORRE...

Existem nas matas do nambiquara uma árvore da

família bombácea, parecida com a paineira. É intumescente no seu tronco médio. O nambiquara colhe a resina desta árvore, coloca-a dentro de um tubo de bambu, enrolando-o ainda com embira: é o nandê.

Acreditam aquêles índios que projetando uma partícula dessa resina no civilizado, ele incha... incha... fica igual à árvore e morre.

A COISA RUIM

Quando um nambiquara sente alguma dor, avisa ao feiticeiro ou a outro índio qualquer, o lugar onde dói. Reúne-se toda a tribo, e com grande solenidade, começam a chupar o lugar afetado pela dor. Em seguida o operador leva a mão à boca para tirar a coisa ruim que saiu do corpo do doente, arremessando-o para bem longe e com toda a força, sempre falando palavras poderosas (é de se supor) e com muita decisão.

O PODER NAMBIQUARA:

OS NAMBIQUARAS tem um chefe que eles chamam de uilikandê: o "que une" ou "o que amarra". O poder nambiquara não é hereditário. Quando um chefe, por uma razão ou outra, acha que não pode governar mais, nomeia pessoalmente o seu sucessor, o qual pode aceitar ou não o (Continua na página 15.a)